

A CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM FEMININA NO VAMPIRISMO COM BASE NA NOVELA *CARMILLA*, DE SHERIDAN LE FANU

Isabella Mantovani Matta (IC) e Profa. Dra. Lilian Cristina Corrêa (Orientador)

Apoio: PIVIC Mackenzie

RESUMO

O objetivo central dos estudos presentes neste artigo de iniciação científica consiste em pensar a construção da figura feminina, ao longo dos tempos, atribuída a um aspecto tipicamente masculino nas obras literárias inseridas no âmbito dos estudos do vampirismo e do terror gótico, a partir da obra *Carmilla* (2010), do escritor irlandês Sheridan Le Fanu. Sendo assim, a elaboração deste artigo foi feita, segundo as contribuições de Antônio Candido (2014), Claude Lecouteux (2005), Simone de Beauvoir (1980), Waine Bartlett (2007), Mircea Eliade (2016), Bruno Berlendis de Carvalho (2010) e Carl Gustav Jung (2016). A pesquisa conta com uma análise aprofundada da concepção do arquétipo do vampiro, constituído através da teoria de Claude Lecouteux, tendo por finalidade constatar seu caráter de constituição das personagens femininas dentro do vampirismo e suas próprias concepções arquetípicas. Para tanto, apresentamos uma pesquisa na qual se fez o levantamento das definições do que se enquadra em um aspecto arquetípico, segundo os referenciais teóricos apontados. Mais adiante, temos também um aprofundamento da construção das personagens Carmilla e Laura, e os arquétipos nelas representados. Após esses aprofundamentos teóricos, trazemos uma análise comparativa entre o arquétipo da vampira feminina e suas reverberações na mulher contemporânea segundo as teorias de Simone de Beauvoir.

Palavras-chave: Vampiro. Personagem Feminina. *Carmilla*.

ABSTRACT

The central aim of the studies presented in this scientific initiation article is to think and research the female figure's portrayal, throughout time, attributed to a typically male aspect in literary works focusing on vampirism and gothic terror, based on the work *Carmilla* (2010), by Irish author Sheridan Le Fanu. Therefore, the elaboration of this article was made, according to theoretical contributions by Antônio Candido (2014), Claude Lecouteux (2005), Simone de Beauvoir (1980), Waine Bartlett (2007), Mircea Eliade (2016), Bruno Berlendis de Carvalho (2010) and Carl Gustav Jung (2016). The research has an in-depth analysis of the conception of the vampire archetype, constituted through the theory of Claude Lecouteux, meaning to verify its character in the constitution of the female characters inside of the vampirism and their own archetypal conceptions. To this end, this research was carried out in

which the definitions of what fits in an archetypal aspect were made, according to the theoretical references pointed out. Later on, a deepening of the construction of Carmilla's and Laura's characters and the archetypes represented in them was made. After these theoretical insights, a comparative analysis between the female vampire archetype and its reverberations in contemporary women will be proposed, according to Simone de Beauvoir's theories.

Keywords: Vampire. Female Character. *Carmilla*.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido com o intuito de analisar a construção da personagem feminina e como ela é retratada dentro do vampirismo, tendo por base os teóricos Antônio Candido (2014), Simone de Beauvoir (1980), Claude Lecouteux (2005) e Carl Jung (2016). O estudo se preocupa em conceituar a ampla pesquisa de Claude Lecouteux (2005) que aborda temáticas que permeiam o nosso imaginário de seres míticos como lobisomens, bruxas, fantasmas e vampiros.

Segundo Lecouteux (2005, p. 9), a crença de que os mortos possam voltar para afligir os vivos, visto que "fantasmas raramente são animados de boas intenções", proporcionou ao imaginário humano as diversas formas para esse pensamento, dado que foi a partir do século XVIII que a personificação do vampiro foi se construindo pouco a pouco até fixar-se no mais famoso vampiro de todos os tempos: o Drácula, eternizado por Bram Stoker (1897), cujo arquétipo inspira até os dias atuais escritores e cineastas no momento em que retrata um vampiro.

Assim sendo, este projeto tem por meta seguir os conceitos, nomenclaturas e ideais propostos por Lecouteux (2005) acerca do mito do vampiro e como essa criatura é retratada na literatura, tal qual:

O vampiro faz parte da história desconhecida da humanidade, desempenha um papel e tem uma função; não brotou do nada no século XVII ou XVIII. Ele se inscreve num conjunto complexo de representações da morte e da vida, que sobreviveu até nossos dias, certamente com uma riqueza bem menor do que naquele passado distante que tendemos a confundir com séculos de obscurantismo, aquelas épocas remotas e ignorantes que baniram as Luzes da razão. (id., p.15)

Esta reflexão de Lecouteux se relaciona com a fundamentação de um arquétipo, bem como o psicanalista suíço, Carl Gustav Jung (2016), apresenta o tema. Assim sendo, este estudo se propõe em considerar a óptica de Carl Jung em relação à construção do arquétipo, no nosso caso o feminino, presente na literatura vampírica. Segundo Jung, possuímos três elementos formadores da psique humana, são elas: ego (nossa consciência); nosso inconsciente pessoal (nossas memórias e interesses); e o inconsciente coletivo (diversas antigas repetições imagéticas que acessamos comumente como humanos). O inconsciente coletivo, ainda de acordo com Jung, é formado por arquétipos, que são imagens, personagens, informações e características que se repetem com

frequência na sociedade e se fixam em nosso imaginário aparecendo em nossos sonhos, pensamentos e artes como particularidades nossas:

Chamamos de instinto os impulsos fisiológicos percebidos pelos sentidos. Mas, ao mesmo tempo, esses instintos podem também manifestar-se como fantasias e revelar, muitas vezes, a sua presença apenas por meio de imagens simbólicas. São essas manifestações que chamo de arquétipos. (JUNG, 2016, p.104)

Diante disso, pretendemos demonstrar como se estabelece a primeira relação entre os arquétipos, o mito do vampiro e a personagem da ficção. Segundo Antônio Candido (2014), a personagem é um ser fictício que possui afinidades e diferenças essenciais em relação ao ser vivo, em que tais diferenças são tão importantes quanto às afinidades, pois cria o sentimento de verossimilhança. Entretanto, tal verossimilhança depende da organização estética do material, seja ela fruto da observação do romancista ou se ela é mais ou menos baseada na realidade, a vida da personagem depende de outros elementos no enredo, como outras personagens, o espaço e o tempo.

Em todos esses casos, simplificados para esclarecer, o que se dá é o trabalho criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis, sob a égide das concepções intelectuais e morais. O próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois esse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir. (CANDIDO, 2014, p. 74)

Portanto, relacionando as teorias de Candido (2014) e Jung (2016) acerca da construção da personagem feminina arquetípica, juntamente com os conhecimentos de Lecouteux (2005) sobre vampiros, traçaremos os elementos da construção da mulher vampira e sua caracterização na literatura contemporânea, com base na personagem Carmilla, protagonista da obra de Sheridan Le Fanu (2010). Para isso, analisaremos e conceituaremos o arquétipo da mulher, para que possamos, mais à frente, atrelá-lo à figura do vampiro.

O arquétipo da mulher sempre esteve rodeado de mitos e crenças. Segundo Simone de Beauvoir, a figura feminina é vista e retratada de duas maneiras: como a dona do lar, aquela que segue o que lhe é mandado, a fonte da vida; ou como a bruxa, prostituta, a feiticeira. Segundo Beauvoir (1980):

É um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; é o silêncio elementar da verdade, é artifício, tagarelice e mentira; a que cura e a que

enfeitiça; é a pressa do homem e sua perda, é tudo o que ele quer ter, sua negação e sua razão de ser. (p. 183)

Tal dualidade está atrelada ao arquétipo feminino há séculos e, podemos fazer uma citação de uma figura feminina secular como, por exemplo, a representação da deusa hindu Kali, que foi representada como uma criatura que se alimentava do sangue e da carne dos homens, o que promoveu as primeiras representações do vampiro (SILVA, 2010, p. 9), a dupla natureza do feminino: que cria e destrói. Retomando Silva, isso se enquadra no "[...] paradoxo da mulher como provedora da vida e da morte expresso pelo sangue menstrual e pelo fluxo do parto está por trás da idolatria à deusa-mãe dos povos do passado que criava, mas também destruía" (id., p. 9).

Portanto, a imagem da mulher esteve em todo o momento atrelada tanto ao bem quanto ao mal, no entanto, algumas mudanças imagéticas ocorrem em relação a essas duas faces da mulher. O que desenvolvemos mais a frente é como ocorre essa mudança na personagem literária, e quais são as modificações que formam ou deformam o arquétipo feminino. Juntamente com essa mudança arquetípica da mulher, vem atrelado a ela o arquétipo do vampiro. Segundo Lecouteux (2005), existem diversos elementos preexistentes que constituem a imagem do vampiro, elementos estes que fizeram parte de anos de lendas e mitos de todos os lugares do mundo. Ainda segundo o autor, esses precursores do mito moderno introduziram elementos que, com o tempo, construíram o arquétipo do vampiro que conhecemos: "um sugador de sangue que se aproxima à noite de quem está dormindo e provoca-lhe morte lenta aspirando sua substância vital" (LECOUTEUX, 2005, p. 10).

Contudo, ao juntar o arquétipo da mulher com o arquétipo do vampiro, encontramos a chamada *vamp*. Segundo Lecouteux (2005), a *vamp* é sedutora e irresistível, ela seduz sua vítima e faz com que sintam prazer ao morrer em seus lábios. Ainda segundo o autor, a definição de *vamp* presente no Shorter English Dictionary é: "Uma mulher que se esforça para encantar ou cativar os homens (frequentemente por razões desonestas ou discutíveis) utilizando sua atração sexual sem escrúpulos" (ibid, p. 30).

Considerando todas as referências teóricas, o objetivo deste trabalho é expandir o conhecimento da análise de personagem e do arquétipo feminino ao construirmos a imagem arquetípica da mulher vampira, como ela é retratada na literatura, a partir da escrita de Le Fanu, e como ela é refletida na construção da figura feminina.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A Literatura Gótica teve seu início marcado no século XVIII com a publicação de *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, que inspirou diversos autores a escreverem romances que apresentassem características góticas (castelos, cemitérios, lugares escuros e sombrios, etc.). Juntamente com o cenário sombrio, os romances góticos possuem a presença de personagens que, geralmente, são acompanhados por mistérios, solidão ou segredos. Por ter construções textuais nos âmbitos do insólito e do desconhecido, que envolvem o leitor para posteriormente assustá-lo, a literatura gótica relacionou-se, inicialmente, ao medo e ao horror.

Carmilla, a vampira de Karnstein (2010), de Sheridan Le Fanu, é uma novela gótica narrada por Laura, uma jovem que vive isolada com seu pai e alguns criados em um castelo na Estíria. Porém, uma hóspede inesperada surge, e a presença da bela jovem desperta sentimentos ambíguos em Laura. *Carmilla* (2010) é uma história de sedução, conquista, repulsa e horror, uma vez que a vampira conquista a jovem Laura que nota o crescente sentimento amoroso por aquele ser belo, proibido e misterioso, juntamente com o sentimento de insegurança e pavor constantes.

Podemos notar certas características da literatura gótica presentes no espaço ficcional em que se ambienta a novela. Tais características vão além da arquitetura gótica presente no *Schloss* (castelo, em alemão) onde vive Laura. Outros aspectos como o isolamento do castelo, o jogo de sombras, a floresta e uma velha *igrejinha*, trazem a sensação de um local solitário e sombrio, como podemos notar:

Nada pode ser mais pitoresco ou isolado. A propriedade fica na encosta de uma colina, numa floresta. A estrada, velha e estreita, passa diante da ponte levadiça, que nunca se vê erguida, e do fosso, cheio de percas e cisnes, e flotilhas de lírios brancos boiando na superfície. Acima de tudo isso, o *schloss* exhibe a sua fachada de muitas janelas, as torres e a capela gótica. A floresta se abre numa clareira irregular e pitoresca diante dos portões, e, à direita, uma elevada ponte gótica lança a estrada por cima de um córrego que serpenteia pelas sombras do bosque. (LE FANU, 2010, p. 39)

E, pouco mais adiante:

[...] a apenas cinco quilômetros a oeste, isto é, na direção do *schloss* do general Spielsdorf, uma aldeia em ruínas, com uma velha *igrejinha*, hoje destelhada, em cuja nave se vê os túmulos em

decomposição da ilustre família Karnstein, hoje extinta, outrora proprietária do desolado *château* que, do meio da floresta, contempla as ruínas silenciosas do povoado. (id., p. 40)

Segundo Bartlett (2007), a natureza selvagem e indomada pelo homem sempre foi fascinante. A natureza exerce certa dualidade que é muito utilizada, principalmente na literatura "de um lado, ameaçador e perigoso e, de outro, protetor para o homem e animais." (p. 84). No mito do vampiro dentro da literatura, temos grande utilização da natureza como um cenário indomado para o herói ou heroína, porém, muitas vezes, a floresta torna-se um local de proteção para o vampiro.

O mito do vampiro esteve sempre presente na história. Seja em lendas, superstições ou até mesmo casos reais. Mas, afinal, o que é mito? Para Mircea Eliade (2016), os mitos contam histórias acerca da criação do mundo, do universo, dos homens e das coisas. Assim sendo, o mito é uma narração de "criação", pois relata como algo surgiu, ou como um padrão de comportamento foi estabelecido:

Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a "sobrenaturalidade") de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do "sobrenatural") no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. (id., p. 11)

O vampiro faz parte da história desconhecida da humanidade desempenhando um papel e uma função. Segundo Lecouteux (2005), o vampiro não surge do nada nos séculos XVII e XVIII, ele se inscreve num complexo conjunto de representações da morte e da vida, e se mantém presente até nossos dias. Autores como Sheridan Le Fanu, Polidori, Tolstoi e Théophile Gautier, utilizaram do elemento central do vampiro, advindo das lendas culturais das áreas afastadas da Europa central e oriental, e agregaram elementos a tal figura, desse modo, o mito do vampiro moderno foi sendo construído. Carvalho (2010) complementa essa ideia afirmando que: "O vampiro literário não surge e se desenvolve *ex nihilo* como figura autônoma, e guarda laços mais ou menos estreitos com uma verdadeira legião de criaturas sobrenaturais." (id., p. 482)

Porém, o vampiro literário teve grande crescimento por utilizar temas que traziam compreensão para os leitores da época: "Os sociólogos explicam o florescimento da literatura e dos filmes de vampiro pela reunião de temas 'eloquentes': a doença, morte, sexualidade e religiosidade." (LECOUTEUX, 2005, p.12)

Segundo Lecouteux (2005), para demonstrar o mito, é necessário um aprofundamento em tempos antigos e aprender a conhecer as crenças de nossos antepassados distantes, para os quais tais fantasmas eram uma realidade, e, só assim, poderemos apreciar tudo o que o mito do vampiro moderno compõe como arquétipos. Complementando a visão de Lecouteux, Bartlett (2007) afirma que:

O vampiro não só é uma criatura que, no passado, foi considerada um fenômeno genuíno, mas é também uma presença universal. O desenvolvimento desse mito em diferentes partes do globo, em culturas sem qualquer vínculo, e suas origens antigas, sugerem que o medo provocado por ele tem raízes profundas na psique humana. (p. 14)

O arquétipo da mulher sempre foi visto e retratado de uma forma dual: como a dona do lar, uma mulher submissa, fonte de vida, o bem; ou, a prostituta, a bruxa, a feiticeira, o mal. Segundo Beauvoir (1980), a figura feminina é retratada como "o Outro" em relação ao homem perante a sociedade e é através dessa imagem que a dualidade que rodeia a imagem da mulher se instaura:

E sua ambiguidade é a da própria ideia de Outro: é a da condição humana enquanto se define na sua relação com o Outro. Já se disse: o Outro é o Mal; mas, necessário ao Bem, retorna ao Bem. É por ele que ascendo ao Todo, mas é por ele que me separo do Todo: é a porta do infinito e a medida de minha finidade. É por isso que a mulher não encara nenhum conceito imoto; através dela realiza-se sem cessar a passagem da esperança ao malogro, do ódio ao amor, do bem ao mal, do mal ao bem. (id., p. 183)

Somado a essa ideia, Bartlett (2007) afirma que a posição da mulher dentro de casa e na comunidade era especial e a sua importância refletia no medo de que sua posição fosse convertida em servidão ao mal. O autor menciona que a mulher "[...] tomava conta da lareira, um papel muito especial, uma vez que, de um lado, o fogo está associado à vida, à purificação e ao poder, e, de outro, à destruição e às chamas do Inferno." (id., p. 133)

Ademais, temos a presença dual da mulher dentro da literatura gótica, na qual, segundo a teórica Nabi (2017), a personagem feminina assume apenas duas funções: a de predadora e a de presa, ambas as funções cristalizadas tanto pela História quanto pela Literatura. Em *Carmilla* (2010), temos exatamente essa dualidade presente nas personagens Carmilla e Laura, o que caracteriza ainda mais a obra como representante da literatura

gótica, como podemos notar a partir da maneira pela qual Laura é retratada como presa quando, pela primeira vez, é atacada:

A jovem me acariciou, deitou-se ao meu lado e puxou-me para perto dela, sorrindo; acalmei-me deliciosa e prontamente, e voltei a dormir. Acordei com a sensação de que duas agulhas haviam sido enfiadas em meu peito, ao mesmo tempo, e dei um grito. [...] Pela primeira vez, senti medo, e gritei com todas as minhas forças. (LE FANU, 2010, p. 42)

Em contrapartida, Carmilla é, desde o início, retratada como uma mulher fatal, reservada e misteriosa. Carmilla é recebida como hóspede no castelo de Laura e de seu pai, após sofrer um acidente com sua carruagem. Como visto no trecho anterior, Laura teve um contato anormal quando era mais jovem com uma figura feminina misteriosa, e nesse primeiro encontro, Laura é tomada por um pavor por tamanha semelhança de Carmilla com essa figura que permeou seus pesadelos por anos. O desenrolar do enredo se dá a partir do primeiro contato de ambas e a maneira que Carmilla se aproxima de Laura seduzindo e encantando a jovem com seus flertes, ao passo que, traz o sentimento de repulsa e incômodo, como podemos notar:

Por vezes, ao cabo de uma hora de apatia, minha estranha e bela companheira tomava minha mão e a pressionava repetidamente com ternura; nessas ocasiões ela enrubescia levemente, contemplando meu rosto com um olhar lânguido e tórrido, e ofegando tanto que o vestido chegava a ondular. Parecia um ardor de amante; sentia-me encabulada; aquilo era, ao mesmo tempo, detestável e irresistível; com olhos cheios de desejo, ela me puxava para si, e seus lábios quentes cobriram-me de beijos as faces; e ela sussurrava, quase soluçando: "És minha, *serás* minhas; tu e eu sermos para sempre uma só.". Então recostava-se na cadeira, cobrindo os olhos com as mãos pequeninas, e eu ficava trêmula. (LE FANU, 2010, p. 68)

Segundo Bartlett (2007), a literatura vampiresca desenvolveu um importante elemento na construção de suas personagens: "[...] a mulher fatal, a sedutora convidativa que fascina suas vítimas, enredando-se em seu poder e, depois, como a viúva negra, devora-as em um ato de amor grosseiramente distorcido e brutal." (id., p. 47). Esse elemento está presente explicitamente na personagem Carmilla, como visto acima. Essa representação da mulher dentro do vampirismo é chamada de *vamp*. Segundo Lecouteux (2005), a *vamp* é uma mulher que utiliza de sua atração sexual e erotismo para conquistar

suas vítimas, ela é irresistível, sedutora e conquistadora e "morrer sob seus beijos é um prazer" (id., p. 30)

Carvalho (2010) afirma que o elemento erótico é um ponto-chave do imaginário do vampiro, estando atrelado desde o momento que o vampiro literário emerge, até os dias atuais. A presença do erótico na literatura vampírica somado a figura da *vamp*, ou seja, da mulher fatal, é vigorosamente explorada na personagem. Na narrativa de Le Fanu (2010), temos essa presença na construção da personagem Carmilla: a vampira utiliza de suas sedução para conquistar Laura, que ao mesmo tempo sentia um forte incômodo e uma vontade inexplicável de estar próxima à jovem Carmilla. Logo após a vampira ser hospedada no *schloss*, Laura descreve o primeiro contato com Carmilla relatando que "os jovens se afeiçoam, e até amam, por impulso. Senti-me envaidecida pelo afeto evidente, embora ainda imerecido, que ela demonstrava por mim." (LE FANU, 2010, p. 63) Carmilla já demonstra, em um primeiro momento, sinais de sedução em suas falas com Laura.

É possível notar a dualidade presente no arquétipo feminino reverberando em dois aspectos dentro da novela *Carmilla* (2010). A construção de ambas personagens é formada pela dualidade Bem e Mal. Laura representa o arquétipo da mulher boa, obediente, frágil, vulnerável, o bem. Em contrapartida, Carmilla representa o arquétipo da dominadora, mulher fatal, sedutora, independente, o mal. Segundo Beauvoir (1980):

As representações coletivas e, entre outros, os tipos sociais definem-se geralmente por pares de termos opostos, a ambivalência parecerá uma propriedade intrínseca do Eterno Feminino. A mãe santa tem como correlativo a madrasta cruel; a moça angélica, a virgem perversa: por isso ora se dirá que a Mãe é igual à Vida, ora é igual à Morte, que toda virgem é puro espírito ou carne votada ao diabo. (id., p. 300)

Além da construção dual entre as personagens, a ambiguidade está presente nos sentimentos de Laura: "A verdade é que meu sentimento em relação à bela estranha era inexplicável. Eu me sentia, como ela disse, 'atraída' por ela, mas havia também uma certa repulsa. Nesse sentimento ambivalente, contudo, prevalecia a atração." (LE FANU, 2010, p. 62)

O psicanalista Carl Gustav Jung (2016) afirma que possuímos três elementos formadores da psique humana. São eles: a nossa consciência; o inconsciente pessoal; e o inconsciente coletivo. Segundo Jung, o inconsciente coletivo é formado por arquétipos, que são padrões de comportamentos, informações e características que se repetem

frequentemente na sociedade, fixando-se assim no nosso imaginário, aparecendo em nossos sonhos, pensamentos, e artes.

Com base nessa premissa e retomando Antônio Candido (2014), a construção da personagem fictícia, em alguns casos, obedece a concepção de homem, a qual se refere a um intuito simbólico, ou a algum estímulo de base que nos faz pressupor uma espécie de arquétipo que já nos é conhecido. Portanto, o autor cria sua personagem fundamentado em suas observações, memórias e imaginação, somando a concepções racionais e morais. Porém, a personagem fictícia depende dos demais elementos para ser constituída, como por exemplo: outras personagens, o espaço e o tempo.

Em todos esses casos, simplificados para esclarecer, o que se dá é um trabalho de criador, em que a memória, a observação e a imaginação se combinam em graus variáveis, sob a égide das concepções intelectuais e morais. O próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois esse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir. (CANDIDO, 2014, p. 74)

Portanto, a personagem fictícia possui afinidades e diferenças essenciais em relação ao ser vivo, em que tais diferenças são tão importantes quanto as afinidades, pois cria o sentimento de verossimilhança. Contudo, segundo Candido (2014), tal verossimilhança depende da organização estética do material, seja ela fruto da imaginação do autor, ou se ela é mais ou menos baseada na realidade, a vida da personagem depende de outros fatores que compõem o romance para tornar-se plenamente verossímil, não sua comparação com o mundo.

A personagem feminina dentro da Literatura é construída de acordo com os arquétipos duais presentes na representação da mulher anteriormente citados. Segundo Beauvoir (1980), a mulher "é um ídolo, uma serva, a fonte da vida, uma força das trevas; [...] a que cura e a que enfeitiça." (id. p. 187) Essa dualidade está presente nas personagens Carmilla e Laura, na obra de Le Fanu (2010), que evidenciam a representação da bondade e da maldade. Para Candido (2014), a construção da personagem fictícia, tem como afinidade certos arquétipos reais para trazer a verossimilhança no romance. Somado a essas ideias, Lecouteux (2005), nos apresenta a figura da *vamp*, uma mulher fatal, que traz consigo a sedução para conquistar suas vítimas. Pode-se notar essa construção arquetípica na personagem Carmilla quando Laura diz:

Aquele frêmito e a linguagem que ela utilizava me eram ininteligíveis. [...] As palavras por ela murmuradas soavam em meu ouvido como uma cantiga de ninar, e entorpeciam a minha resistência, levando-me a um estado de transe, do qual eu só me recuperava quando ela abaixava os braços. (LE FANU, 2010, p. 67)

Portanto, a personagem feminina dentro do vampirismo é construída através de arquétipos vistos pela sociedade na mulher, a boa e a má. Carmilla traz consigo, na construção de sua personagem a presença da sensualidade, da conquista, da maldade por trás de seus atos, sendo diferente das demais mulheres, como bem nos lembra Bartlett (2007), ela "é uma figura exótica, uma estrangeira." (p. 19), o arquétipo da mulher fatal e da *vamp*. A vampira é construída como uma personagem independente que tem em si a confiança de conquistar o que almeja através da sedução, novamente, como afirma Bartlett (2007): "Sua beleza também é o traço marcante de muitos vampiros na literatura clássica, tornando-a uma criatura sedutora e sobrenatural" (ibid., p. 19). Pode-se notar essa representação na personagem Carmilla quando Laura a descreve afirmando: "sem dúvida, eu jamais vira criatura mais bela" (LE FANU, 2010, p. 63)

Em contrapartida, na literatura vampírica nós temos a personagem bondosa. *Laura* é construída através do arquétipo da mulher vulnerável, solitária, e atacável, que será rendida às seduições da vampira conforme ambas convivem juntas. Essa representação dá-se pela forma que a sociedade vê a mulher boa: vulnerável que precisa de um outrem para protegê-la. Ao passo que, essa mesma imagem traz consigo a ideia de que essa mulher é enganável e manipulável, ou seja, uma pessoa suscetível aos ataques e seduições. Bartlett (2007), afirma que: "[...] na pureza há uma referência à corrupção da inocência, enquanto o vínculo existente entre juventude e força sugere os poderes restauradores do sangue jovem." (p. 19)

Portanto, a personagem feminina no vampirismo é construída através de padrões presentes na sociedade acerca da imagem da mulher, somado aos arquétipos do mito do vampiro que consiste em um ser de tez pálida, que vive longe da luz do sol e a procura de vítimas para saciar sua sede. A *vamp* é a junção de ambos os arquétipos, tornando-se assim, a retratação da mulher fatal, utilizando da sedução e sensualidade para atacar suas vítimas mais frágeis e indefesas. Ambas as personagens são construídas na narrativa vampírica: a personagem vulnerável e bondosa, e a sedutora e má.

A personagem Carmilla é a representação da mulher fatal e vil na obra de Le Fanu. O desenvolvimento de construção desta personagem é realizado com aspectos presentes no arquétipo da mulher má, somados aos da imagem da *vamp*, o que provoca o

reconhecimento do processo de verossimilhança para com a personagem Carmilla, que utiliza de suas falas e atos para conquistar e seduzir a jovem Laura, como se pode notar em:

A jovem tinha o hábito de me puxar, com seus lindos braços, pelo pescoço, encostar a face à minha, e murmurar em meu ouvido: "Querida, teu coraçãozinho está magoado; não me consideres cruel por obedecer à lei irresistível da minha força e da minha fraqueza; se o teu querido coração está magoado, meu coração selvagem sangra. No êxtase da minha tremenda humilhação, vivo no calor da tua vida, e tu haverás de morrer... morrer, morrer languidamente... na minha. (LE FANU, 2010, p. 67)

Em contra partida, a personagem Laura é construída como alguém frágil e vulnerável, que necessita de proteção e cuidados a todo o momento. A mesma se descreve como "[...] uma jovem bastante mimada, sem mãe, e cujo pai permitia que ela fizesse, praticamente, tudo o que desejasse." (LE FANU, 2010, p. 41) O autor constrói a imagem de Laura com os arquétipos que Beauvoir descreve como os representativos da mulher boa, o que conduz o reconhecimento do processo de verossimilhança junto à personagem. Contudo, essa imagem de fragilidade em Laura aparece após o misterioso episódio ocorrido em sua infância, e que, segundo a própria jovem foi: "a primeira ocorrência, que me produziu na mente uma impressão terrível, a qual, na verdade, jamais se desfez, constitui uma das primeiras lembranças que tenho de vida." (id., p. 41). Laura tinha apenas seis anos de idade quando acordou certa noite e viu-se sozinha, ela diz: "não senti medo, pois era uma daquelas crianças felizes, zelosamente mantidas na ignorância em relação a histórias de fantasmas, contos de fadas e todo tipo de lendas que nos faz cobrir a cabeça" (LE FANU, 2010, p. 42). Assim sendo, pode-se notar que a personagem não exibia sinais de intensa vulnerabilidade ou que possuía medos, porém, nessa mesma noite, Laura avista uma bela jovem, ajoelhada ao lado de sua cama, acalmou-se com as carícias que a bela figura a fazia e volta a dormir. Acordando com a sensação de duas agulhas sendo enfiadas em seu peito. A dama misteriosa afastou-se e desapareceu por debaixo da cama de Laura, que relata: "pela primeira vez, senti medo, e gritei com todas as minhas forças." (id., p. 42)

Ademais, a dualidade de sentimentos que Laura possui sobre a jovem Carmilla aparece logo no início do encontro de ambas. Tal dualidade dá-se pela tamanha semelhança de Carmilla com a dama vista no episódio misterioso da infância de Laura. Quando se encontram pela primeira vez, Laura relata:

Vi, exatamente, o rosto que havia me visitado naquela noite, quando eu era criança, e que se fixara nitidamente em minha memória, e que

durante tantos anos me fizera ruminar com tamanho pavor, em momentos que ninguém suspeitava o que eu estava pensando. (LE FANU, 2010, p. 60).

Carmilla também mostra reconhecer o semblante de Laura: "[...] mas tal expressão, quase instantaneamente, iluminou-se, com um estranho sorriso de reconhecimento." (id., p. 60). Após esse primeiro contato visual, ambas começam a falar do mesmo episódio ocorrido há doze anos. Mais à frente, Laura continua demonstrando ambiguidade em seus sentimentos por Carmilla:

Aquelas sensações misteriosas me desagradavam. Eu sentia uma excitação estranha e perturbadora, por vezes, prazerosa, mesclada com uma vaga sensação de medo e certa aversão. Quando tais cenas ocorriam, não, e vinham à mente quaisquer pensamentos definidos acerca de minha amiga, mas eu tinha consciência de um afeto que se transformava em veneração – e também de um repúdio. Sei que isso é paradoxo, mas não tenho outra explicação para o sentimento. (LE FANU, 2010, p. 68)

Carmilla, mantendo seu jogo de sedução, faz com que Laura apresente alguns sentimentos que são divergentes no que diz respeito ao estereótipo da mulher-vampiro como podemos ver em: "Aquelas sensações misteriosas me desagradavam. Eu sentia uma excitação estranha e perturbadora, por vezes, prazerosa, mesclada com uma vaga sensação de medo e certa aversão." (LE FANU, 2010, p. 68)

Carmilla demonstra em suas falas e atos, certa dominação sobre Laura, sempre insinuando que ficará com a jovem até sua morte, que a ama ferozmente, conquistando a jovem e inocente Laura através de flertes e galanteios. Porém, Laura mostra-se quase a todo o momento, relutante a tais falas, apresentando sentimentos ambíguos de satisfação e repulsa. Pode-se notar quando Carmilla diz à Laura: "És minha, *serás* minha; tu e eu seremos para sempre uma só." (LE FANU, 2010, p. 68) Mais a frente no romance, Carmilla pergunta à Laura se tem medo de morrer, e a jovem responde que sim, Carmilla diz: "Mas, morrer como amantes... morrer juntas, para poder viver juntas." (id., p. 76)

A todo o momento Carmilla demonstra estar apaixonada por Laura. Utiliza de galanteios, flertes e frases explícitas sobre seu amor pela jovem, o que obtém certo resultado ao decorrer do romance. Carmilla diz à Laura: "Jamais me apaixonei por quem quer que seja, e jamais me apaixonarei - ela murmurou - a menos que seja por ti." (LE FANU, 2010, p. 82), e, após sua fala, Laura nota a beleza de Carmilla ao luar, estava apaixonada "sua face macia

brilhava ao lado da minha." (id., p. 82). Porém, o sentimento de Laura torna-se ambíguo novamente após Carmilla dizer: "Querida, querida - ela murmurou - vivo em ti; e morrerás por mim; amo-te demais." (id., p. 82). Nota-se que as falas e atos de Carmilla possuem elementos explícitos de sedução para conquistar a jovem Laura, isso ocorre em virtude do arquétipo de mulher fatal presente na personagem Carmilla. Assim sendo, pode-se compreender melhor os atos de Carmilla quando Bartlett (2007) diz que: "[...] a mulher fatal, a sedutora convidativa que fascina suas vítimas, enredando-se em seu poder e, depois, como a viúva negra, devora-se em um ato de amor grosseiramente distorcido e brutal." (p. 47)

Portanto, a ambiguidade presente na obra vai além da personagem feminina, pois ela está atrelada aos sentimentos de Laura, e isso apenas acontece quando Carmilla surge na vida da jovem, despertando assim sentimentos ambíguos como a repulsa e o amor, e, mais a frente, com o desenvolvimento da narrativa, o medo e a lembrança sempre presentes para Laura. Bartlett afirma que:

As histórias de vampiro são centradas no poder que a criatura tem sobre suas vítimas, a capacidade sobrenatural de ler seus pensamentos e lhe dar ordens a distância. Os laços de sangue são tão poderosos que o vampiro e suas vítimas se unem para sempre. (id., p. 77)

Assim sendo, a forte ligação de Laura com Carmilla deu-se através de episódios que a vampira enfia seus afiados dentes na jovem e bebe de seu sangue, tendo em mente que o primeiro contato de Carmilla com Laura foi quando esta tinha apenas seis anos de idade. Após a morte de Carmilla, a sensação de que ela está andando pelos salões do *schloss* e o medo que ainda assombra Laura, e isso acontece devido ao laço de sangue estabelecido entre ambas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi exposto e apresentado como pesquisa até o momento, é possível afirmar que a construção da personagem feminina dentro da literatura vampírica é realizada de forma dual. Temos tanto a presença do arquétipo da mulher boa, que sempre é vista como uma pessoa vulnerável e necessitada de cuidados. Ao passo que temos a figura que representa o arquétipo da mulher má, que utiliza de seus poderes sensuais para conquistar seu alvo e, somado a esse arquétipo temos a figura do mito do vampiro, onde se inclui a mulher-vampiro, uma personagem má que tem por motivação saciar sua sede de sangue.

Portanto, a mulher no vampirismo é a representação dual do anjo e do demônio.

Por meio desta pesquisa, atestamos que a representação feminina na literatura é veiculada a partir da forma pela qual a mulher é vista pela sociedade, sempre separada em dois pólos divergentes, criando assim, um padrão imposto nos nossos inconscientes à medida que somos apresentados a tais narrativas. Tendo Jung (2016) e Candido (2014) como base sobre os arquétipos e a criação da personagem, podemos afirmar que a construção do papel feminino na literatura tem como base a imagem que existe sobre a mulher na sociedade, que, segundo Beauvoir (1980, p. 299) "é a passagem indefinida da inimizade à cumplicidade".

Ademais, pode-se concluir que a personagem Carmilla, na obra de Le Fanu (2010), é representada como essa figura maléfica, que se aproxima de outras pessoas com uma intenção única e exclusiva de visar seu próprio prazer, o deleite e, somado a essa imagem da mulher, temos o arquétipo que o teórico Lecouteux (2005) denomina como *vamp*, a mulher fatal, que utiliza da sensualidade para atacar suas vítimas, "de uma fria crueldade, exigindo abandono total e volúpia, elas se deleitam com a dor e a lenta agonia da vítima." (id., p. 30)

A evolução da personagem Laura ocorre ao transcorrer do romance, acompanhamos a maneira que a jovem se apaixona por Carmilla e de que forma esta realiza seus galanteios para atacar Laura. A construção de um arquétipo é realizada ao decorrer dos anos através de diversos aspectos que surgem e modificam-se em nosso inconsciente. Jung (2016) afirma que:

Pode-se perceber a energia específica dos arquétipos quando se tem oportunidade de observar o fascínio que exercem. Parecem quase dotados de um feitiço especial, o que também caracteriza os complexos pessoais; e assim como estes têm a sua história individual, também os complexos sociais de caráter arquetípico têm a sua. Mas enquanto os complexos individuais não produzem mais do que singularidades pessoais, os arquétipos criam mitos, religiões e filosofias que influenciam e caracterizam nações e épocas inteiras. (id., p. 124)

Assim sendo, a construção de um arquétipo implica diversos padrões. Laura inicia sua jornada como uma jovem solitária, vulnerável e feliz, porém, após a chegada de Carmilla, a jovem rende-se aos encantos da bela moça, ao passo que seu sentimento ambíguo a mantém firme e com receio de Carmilla. Ao fim do romance, após todo o ocorrido

com a vampira, a representação de Laura é de uma jovem que ainda possui medos e receios sobre as lembranças da jovem, ao mesmo tempo lembrando-se da beleza, da sensualidade e alegria de Carmilla.

Em suma, este estudo conclui que, ao traçarmos o trajeto da construção das personagens, podemos dizer que os arquétipos presentes em nosso inconsciente coletivo nos influenciam a criar personagens mais verossímeis, apesar de elementos fantásticos como, por exemplo, a presença de componentes acerca do mito do vampiro moderno. A construção das personagens femininas inseridas neste nicho da literatura nos afirma que a concepção dessas personagens femininas tem por base a imagem da mulher vista pela sociedade, juntamente com a soma dos arquétipos do vampiro, temos a construção ambígua da mulher: a vítima e o monstro, assim como pudemos avaliar sobre o que ocorre na narrativa de Le Fanu (2010) e em tantas outras construções relacionadas ao tema.

4. REFERÊNCIAS

- BARTLETT, Wayne; IDRICEANU, Flavia. **Lendas de sangue**. São Paulo: Madras, 2007.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem do romance**. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; & GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2014.
- CARVALHO, Bruno Berlendis de. **Antologia do vampiro literário**. São Paulo: Berlendis & Vertecchia, 2010.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- JUNG, Carl G. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2016.
- LE FANU, Sheridan. **Carmilla: A vampira de Karnstein**. São Paulo: Hedra, 2010.
- LECOUTEUX, Claude. **História dos vampiros: autópsia de um mito**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- NABI, Asmat. **Gender represented in the gothic novel**. In: IOSR Journal Of Humanities And Social Science (IOSR-JHSS). Volume 22, Issue 11, November, 2017, pp. 73-77. www.iosrjournals.org (acesso em 04.05.2021)
- SILVA, Alexandre Meireles da. **Introdução**. In: **Contos clássicos de vampiro**. São Paulo: Hedra, 2010.

Contatos: isa.mantovani33@gmail.com e lilian.correa@mackenzie.br